



De Bel Santos Mayer

Se você algum dia brincou de escolinha e pensou em levar essa brincadeira a sério; se você, mesmo sem ter um(a) educador(a) na família, desejou escolher essa profissão... é possível que esta carta lhe interesse.

Comecei a escrever estas palavras dentro de um avião. Despedia-me da cidade de Monterey (México), após me apresentar em um evento literário, o que tenho feito nos últimos anos para (trans)formar leitores e leitoras. O avião decola. Laptop aberto, dedos parados sobre o teclado, olhar fixo na janela. Enquanto as casas e as ruas ficam cada vez mais distantes, pergunto-me: como a menina negra, periférica, filha de nordestinos veio parar aqui? Quais palavras a enfeitiçaram, para que acreditasse que poderia voar? O que a mulher madura de hoje diria àquela menina que achava que poderia fazer mais que encontrar um emprego para manter a vida básica herdada? O que eu poderia dizer a meninas e meninos em situação equivalente à minha?

O pensamento levou-me para uma tarde de domingo no final dos anos 1970. Morávamos (pai, mãe, três irmãs, uma sobrinha e eu) no extremo da Zona Leste de São Paulo e fomos visitar a tia Cida e o tio Domingos, que eram caseiros em um colégio particular na Vila Mariana. Meu pai tinha recém-adquirido o primeiro carro da família, uma perua-kombi da Volkswagen, o que fazia com que os lugares da frente fossem disputadíssimos, obrigando-nos a organizar uma planilha para garantir justiça. Naquele domingo era a minha vez. Na despedida, posiciono-

me à frente, próxima à janela, direitinho, ereta, com cinto e tudo. A tia olha a menina e ri: “Que elegância de professora! Já estou vendo você entrando aqui na escola com esse pescocinho em pé e os alunos te acompanhando. Você vai ser professora, né?”. Eu não soube responder. Era a primeira vez que um desejo daqueles ocupava a nossa casa. Ninguém tinha feito mais que a 8<sup>a</sup> série. Eu tinha apenas 10 anos. A partir daquela pergunta, passei a brincar de escolinha, a “andar como professora” a caminho do espelho. Atravessei o espelho. Já agradeci publicamente à tia Cida, que, aos 73 anos, conseguiu formar-se em Serviço Social. Ela não tinha ideia do impacto de suas palavras em mim.

É certo que no meio do caminho houve pedras, como a adolescência e juventude vividas em um bairro pobre com alto índice de mortes violentas, os anos passados em uma escola que separava os estudantes no pátio pela quantidade de barro nos sapatos, aumentando a vergonha, a insegurança e o medo de estar no mundo. De mãos dadas com “seres fantásticos”, pulei todos esses obstáculos e implodi, um a um.

Passeando pela avenida principal aqui da Cidade do México, me deparei com uma exposição de *Alebrijes*. De acordo com as lendas e crenças locais, os *Alebrijes*, às vezes traduzidos como monstros por sua composição de partes de diferentes animais físicos e imaginários, são “seres fantásticos”, capazes de espantar os pesadelos, proteger os sonhos e trazer sorte. No meu caminho, mui-



tos(as) *Alebrijes* me ajudaram a sonhar e a proteger e criar raízes e asas para os sonhos.

Antes dos 15 anos, desci o morro e fui ser alfabetizadora em uma das favelas do bairro. Antes dos 20 anos, terminaria o magistério e ingressaria na Rede Municipal de Educação de São Paulo como professora efetiva de Educação Infantil e de Ensino Fundamental I. Segui, sempre, com um time de *Alebrijes* ensinando-me a ser educadora, protegendo o meu desejo de “aprender a ler para ensinar meus e minhas camaradas”.

E o que aprendi a ler? O que eu li? Comecei pelos olhos das pessoas, pelas histórias dos(as) que vieram antes de mim (minha avó e as avós e avôs do bairro), pelas explicações das crianças e suas famílias. Diariamente, o cabeçalho que fazíamos no início da aula para registro do nome da escola, data, nome pessoal e clima incluía um ditado popular levado por cada criança. Era um jeito de os saberes populares entrarem nos cadernos e ganharem importância.

Vivíamos tempos ditos “duros”. Em um contexto de proibições, algumas leituras e músicas fizeram muito por mim: a *Pedagogia do oprimido* de Paulo Freire reforçou que a educação não poderia ser neutra – há um lugar a ser ocupado no mundo e na escola. A *paixão de conhecer o mundo*, de Madalena Freire, ensinou-me a escutar e observar a criança para aprender com ela. As *veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, abriu meus olhos para o nosso país. Os poemas de Solano Trin-

dade colocaram mais melanina em minha boca, deram-me voz. Li e ouvi o que “os meus” ouviam: sambas de Martinho da Vila, Clara Nunes e Bezerra da Silva; e tinha o que contar e cantar com eles(as). Li e ouvi o que outros(as) jovens ouviam e fiz coro com eles(as) para cantar *Cálice* e *Construção* de Chico Buarque, *Travessia* de Milton Nascimento, entre tantas outras.

As palavras me formaram. Assim, digo a vocês, tenham por perto (do lado da cama, na mochila, na bolsa, no celular) pensamentos, textos, livros de autores que inspiram, mas não se esqueçam de ler/ouvir o que a sua gente lê/ouve. Nem sempre estas palavras coincidem de uma geração para outra. Ainda hoje carrego comigo aqueles(as) que me ajudaram a iniciar uma trajetória teórica; porém, minha família literária cresceu muito; inclui muitos outros autores de ficção, mulheres, autores e autoras das bordas do mundo. Vieram para perto: bel hooks, Mia Couto, Angela Davis, Valter Hugo Mãe, Cidinha da Silva, Cuti.

No meio do caminho, encontrei “seres fantásticos” em versão infantil e adolescente que, na forma de estudantes, ofereceram-me aprendizagens fundamentais à docência, as quais ouso compartilhar com você em forma de dicas:

Na sala de aula, por menor que seja, cabe um mundo. Pode ser o lugar para aprender a conviver com divergências. Não dá para aprender só em casa.

A vida não começa nem termina na escola: o bairro e a cidade fazem parte do processo de edu-

cação. Os corpos que ativam os territórios não merecem ser ignorados.

Duvide sempre de quem diz que há lugares de pessoas perigosas, onde só acontecem coisas ruins. O que teria acontecido comigo se só tivesse acreditado nestas profecias?

Estudantes, como no passado ditatorial, são estimulados a denunciar educadores(as) que abordam “temas proibidos”. Um(a) educador(a) não pode aceitar educar com medo. Converse sobre o medo. Converse sobre as proibições. Contribua para que a escola seja um ambiente democrático.

Por mais nobre que seja o gesto, não ame as crianças como se fossem todas iguais. Elas não são. Cada criança precisa ser amada em sua diversidade, em sua particularidade, sua identidade, sem qualquer prejuízo para a sua humanidade.

Esta carta está ficando grande demais e não sei direito como terminá-la. Talvez dizendo que saber que este sonho segue vivo em outros(as) jovens aqueceu meu coração. Que a gente se encontre.



BEL SANTOS MAYER

Curso magistério, duas graduações (Ciências/ Matemática e Turismo) e especialização em Pedagogia Social na Itália. Coordena o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC) e é co-gestora da Rede de Bibliotecas Comunitárias LiteraSampa.